

**Veículo:** *Valor Econômico*

**Data:** 2/2/2004

**Autor:** Erilene Araújo

## **Brasileiros aderem ao "jeitinho"**

Foram duas correspondências. Na primeira, o vice-presidente José Alencar (PL) quase alterou a ordem na fila dos candidatos a transplante de medula óssea do Instituto Nacional do Câncer. Na segunda, tentou favorecer a contratação de um médico residente burlando a classificação em concurso público. Como taxar a atitude do vice-presidente: favor, jeitinho ou corrupção? Segundo a Pesquisa Social Brasileira (PESB), a maioria dos brasileiros considera que usar da influência para passar na frente na fila do posto de saúde ou pedir a um amigo que trabalha no serviço público para ajudar a tirar um documento rapidamente, por exemplo, é apenas dar um jeitinho.

O coordenador da pesquisa, cientista político Alberto Almeida, explica: "O jeitinho, muito disseminado entre os brasileiros, é a anti-sala da corrupção. É a zona cinzenta entre o certo e errado."

Pelos dados da PESB, 2/3 da população brasileira já deram um jeitinho em alguma situação. Esse percentual é ainda maior (70%) entre as pessoas que concluíram a universidade ou pós-graduação. São os analfabetos que menos se utilizam deste recurso (51%). Almeida acredita que há uma possibilidade de o número ser maior, uma vez que "a população de baixa escolaridade não conhece o jeitinho por esta terminologia."

Os mais jovens lideram o ranking de pessoas que usam o jeitinho para resolver algum problema: 70%, na faixa etária de 18 a 24 anos. Os mais velhos fazem o contraponto. Apenas 54%. Os dados por idade batem com o item escolaridade. "As pessoas mais jovens têm a escolaridade média mais alta que a dos mais velhos", justifica Almeida.

Segundo a pesquisa, os brasileiros definem jeitinho como dar uma gorjeta ao garçom para, num segundo momento, não esperar na fila do restaurante; pedir a um parente que trabalha no governo para acelerar a liberação de um empréstimo ou passar na frente na fila quando vai matricular o filho na escola.

Corrupção seria, por exemplo, usar cargo do governo para enriquecer; pagar funcionário da companhia de energia para marcar consumo menor; dar R\$ 20 ao guarda para ele não aplicar multa; encontrar meio de pagar menos imposto; ter dois empregos e só trabalhar em um deles; fazer ligação clandestina de energia elétrica; e ter concomitantemente bolsa de estudo e emprego, mesmo sabendo que é proibido.

Se a diferença entre jeitinho e corrupção é tênue, os brasileiros não têm muitas dúvidas quando se trata de fazer um favor: é emprestar dinheiro ou um objeto para um amigo; deixar uma pessoa com poucas compras passar na frente na fila do supermercado ou guardar um lugar na fila para alguém que vai resolver um problema: "O favor é concebido exclusivamente de forma positiva. É algo legítimo na esfera pública".

Se os brasileiros consideram que emprestar um objeto é um favor, então, será que emprestar jóias para a primeira-dama Marisa Leticia da Silva - como fizeram diversas joalheiras nos primeiros meses do governo petista - também pode ser encarado como favor? Esquivando-se de um ataque à primeira-dama, o cientista político limita-se a dizer que tudo depende da intenção de quem emprestou: "Se você der um presente para o diretor de uma empresa que o ajudou a conseguir o contrato, isso pode ser corrupção. No caso da primeira-dama, é preciso ver qual a intenção das joalheiras. O que elas querem de retorno? É regra uma joalheira emprestar jóias? Corrupção pressupõe a quebra de uma regra...".

Rotineiros, o jeitinho e a corrupção são bastante tolerados pelos brasileiros. Maior ainda, de acordo com a PESB, é a tolerância dos nordestinos. A pesquisa revela que os nordestinos tendem a considerar algumas situações mais como favor do que nas outras regiões. Enquanto no Centro-Oeste 38% da população acham que pedir a um amigo que trabalha no serviço público para ajudar a tirar um documento mais rápido que o normal é corrupção, a maioria dos nordestinos (41%) considera um favor.

Almeida justifica: "Há uma diferença entre o padrão ético do nordestino e o das demais regiões". "Os nordestinos têm menos escolaridade e, por este motivo, são menos organizados em associações de bairros, entre outros grupos. Por isso, reivindicam menos. Além de terem uma herança escravista maior". Ele completa que isto não quer dizer que no Nordeste a corrupção é maior que nas outras regiões.

O cientista político afirma que, a partir da pesquisa, é possível prever que a cultura da corrupção está enraizada. E, por isso, avisa que "por ser socialmente aceita com o simpático nome de jeitinho brasileiro, são grandes as chances de ela (a corrupção) permanecer entre nós por um longo tempo."

A Pesquisa Social Brasileira, realizada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e custeada pela Fundação Ford, é uma mostra domiciliar realizada em todas as regiões do país. Foram aplicados 2.365 questionários. A distribuição das entrevistas foi proporcional à população de cada região. Seus resultados foram publicados no último número da revista "Inteligência".

**URL:** <http://www.valoronline.com.br/ValorImpresso/MaterialImpresso.aspx?tit=Brasileiros%20aderem%20ao%20jeitinho%20&dtMateria=02%2002%202004&codMateria=2220198&codCategoria=99>